

O INVESTIGADOR E A FALA DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR

Marcele Viana Macedo Santos*
(UESB)

Silvana Perotino **
(UESB)

RESUMO:

Interessa-nos aqui discutir o submetimento da fala do investigador à fala da criança e como isso pode vir a ser explicitado na análise de episódios dialógicos entre professor-alunos a partir da perspectiva interacionista em Aquisição da Linguagem (DE LEMOS, 2002). Neste trabalho, o investigador, que também foi observador da interação em sala de aula, ao transcrever a fala das crianças, ao ler essa transcrição e ao se deixar surpreender por essa fala, mostra-se em uma posição diferente daquele que busca indícios de um saber sobre a língua por parte da criança.

PALAVRAS-CHAVES: Fala da criança; Investigador; Interacionismo

INTRODUÇÃO

Para se referir à questão do investigador em Aquisição da Linguagem, Cláudia de Lemos (2002) lança mão da noção do efeito de enigma (LEMOS, 2002) ou estranhamento provocado pela fala da criança sobre o adulto (investigador/pesquisador). Lier-De Vitto (2004) e Carvalho (2005) afirmam que esse encontro do investigador com a fala da criança ocorre tanto na escuta (momento presenciado pelo investigador/terapeuta no acontecimento da fala), na leitura (da transcrição dos episódios dialógicos). Focalizando o contexto escolar e a fala da professora dirigida à criança na situação de reconto de histórias em sala de aula, vimos que o outro/professor (enquanto instância da língua), realiza diferentes tipos de intervenções do fio narrativo que vai sendo constituído pelos alunos-professor na atividade de recontagem de histórias. Pensando na constituição do dado em Aquisição da

Linguagem, destacamos que o efeito da linguagem ocorre, ao mesmo tempo, para a criança, e, também, de acordo com a perspectiva teórico-metodológica adotada por nós, sobre o investigador, numa estrutura em que, tratando-se da anterioridade lógica da língua proposta por Saussure e relida por De Lemos, nem o investigador, nem a fala da criança preexistiriam a tal estrutura. Carvalho (2005) fomenta que não haveria possibilidade de se considerar nem o investigador nem a fala da criança fora dessa estrutura, de onde o investigador olharia/escutaria a fala da criança (suposto objeto de seu estudo).

MATERIAL E MÉTODOS

Voltamo-nos para a análise de dois fragmentos de diálogos ocorridos entre professora e alunos do 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal do município de Vitória da Conquista (BA).

* Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós Graduação em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

** Doutora em Linguística pela Unicamp. Docente do quadro permanente do Programa de Pós Graduação em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Segmento 01: A professora realiza uma leitura pausada da cantiga popular “O trem de ferro” e chama atenção dos alunos para a quantidade de letras contidas em algumas palavras, além de realizar perguntas de compreensão.

P: O trem está indo para onde?

Em coro: Pro Ceará.

P: Mas ele (o trem) vem saindo de onde?

C1: Do Ceará.

C2: Do Pernambuco.

C3: Da garagem.

P: Tá, mas ele sai da garagem e vai para onde?

C3: Pro Ceará.

P: Ele (o trem) sai da garagem e vai pro Ceará, mas qual o Estado que ele estava?

Em coro: Pernambuco!

Segmento 02: A professora, ao pedir para as crianças separarem palavras aglutinadas em uma das frases da canção ‘Criança Feliz’, aborda o Estatuto da Criança e do Adolescente.

P: Alguém sabe o que é Estatuto?

C1: Eu sei tia. Estalta é: ESTALTA! (o grupo se dispersa, muitas crianças repetem o que C1 disse)

P: Vocês estão falando de uma brincadeira e eu sei qual é. Mas não é da brincadeira que estou falando, eu falei “Estatuto”. É um documento que dá direito a algumas coisas a vocês, então é lei, não é a brincadeira.

Em ambos os fragmentos dos diálogos, podemos recorrer à noção de surpresa do investigador ao escutar a fala da criança, além da própria ideia de escuta da criança em relação à fala do adulto, a qual se vincula aos textos já-escutados, já-ditos e já-lidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Consideramos que os deslocamentos do investigador ao assumir compromisso com a fala da criança poderiam implicar numa submissão de um sujeito a um efeito da linguagem sobre o qual ele não tem controle (DE LEMOS, 2002).

Conceber o investigador como alguém que, como a criança, está assujeitado à língua implica em um desafio: o compromisso ético de não higienizar dados ou se deixar levar por outras interpretações de cunho psicológico sobre a criança. Concerne, portanto, à condição de, como investigador, estar submetido a um funcionamento lingüístico-discursivo que, no seu encontro com a fala da criança deixa-se surpreender.

Em contrapartida, é óbvio que não haveria sentido em considerar o lugar a ser ocupado pelo investigador, nesse encontro com a fala da criança, como de poder ou de domínio sobre a língua (DE LEMOS, 1991), como fazem teorias naturalísticas em Aquisição da Linguagem. A tentativa de deslocamento do investigador desse lugar de domínio seria, então, a condição constitutiva do campo da aquisição de linguagem (CARVALHO, 2005, 2006).

É importante analisar a escuta da professora nos dois segmentos relatados: no primeiro, ela não corrige a fala de uma das crianças, ao contrário a incorpora, mesmo sem ter relação ao que de fato está presente na canção. Já no segundo, a professora infere sobre a escuta de uma das crianças em relação à palavra “Estatuto”, tanto que faz alusão a ela ao explicar para a sala o significado da última. Convém notar que ela também não corrige o modo como a criança disse “estátua”, e se centra na explicação do conteúdo a ser dado.

CONCLUSÕES

A questão do investigador em Aquisição da Linguagem passa pela discussão sobre o efeito da fala da criança sobre o adulto, sobre o que vem a ser o saber da língua (DE LEMOS, 1991). Nos episódios dialógicos discutidos neste trabalho evidencia-se a escuta do investigador para os “erros” presentes na fala da criança, tomados por ele indícios da escuta da criança para textos já-escutados, já-ditos e já-lidos.

REFERÊNCIAS

DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cad.Est.Ling.**, (42): 41-69, jan./jun., 2002.

DE LEMOS, C. T. G. **Saber a língua e o saber da língua.** Aula inaugural do IEL: 13 de Março de 1991.

CARVALHO, G. O erro em aquisição da linguagem: um impasse. In: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. **Aquisição, patologias e clínica de linguagem.** São Paulo: Educ/Fapesp, 2006, p. 63-78.

CARVALHO, G. Questões sobre o deslocamento do investigador em aquisição de linguagem. **Cad.Est.Ling.**, (47): nº 1/2, jan./dez, 2005

LEMOS, M. T. **A língua que me falta:** uma análise dos estudos em aquisição da linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LIER-DE-VITTO, M. F. Sobre a posição do investigador e do clínico frente a falas sintomáticas. **Letras de Hoje**, (39): 3, p. 47-59, set., 2004.